

Rodriana Dias Coelho Costa  
Edinei Carvalho dos Santos  
Kleber Aparecido da Silva  
(Orgs.)

# Educação intercultural, letramentos de resistência e formação docente

EDITORA DA **ABRALIN**



Rodriana Dias Coelho Costa  
Edinei Carvalho dos Santos  
Kleber Aparecido da Silva  
(Orgs.)

# Educação intercultural, letramentos de resistência e formação docente

EDITORA DA **ABRALIN**

Campinas, SP  
2021



## Palavra dos editores

Esta publicação, digital e gratuita, compõe o catálogo de livros digitais da Editora da ABRALIN, uma editora *open access*, criada em 2020, que busca oferecer mecanismos efetivos de publicação e circulação de obras de Linguística no país. A ideia que norteia seu funcionamento encontra melhor expressão nas palavras de seu idealizador, Prof. Dr. Miguel Oliveira Jr., presidente da ABRALIN: “acreditamos que dar acesso livre à produção intelectual de excelência, que é fruto – na maioria das vezes – de investimento público, é o caminho mais democrático no contexto socioeconômico em que vivemos”. Sem dúvida, essas palavras foram definitivas para o nosso engajamento na criação da Editora da ABRALIN. Queremos contribuir para fazer da Editora da ABRALIN um canal permanente de apoio à divulgação da sólida pesquisa feita nas muitas áreas da Linguística no Brasil.

Como todos sabemos, a ABRALIN desempenha papel fundamental na consolidação dos estudos linguísticos no Brasil, contribuindo de maneira crucial para a criação e a preservação de espaços de acolhimento da diversidade de ideias linguísticas, algo que tem urgência ética e é – no nosso entendimento – atitude necessária para manter o indispensável diálogo entre a sociedade e a comunidade científica. A Editora da ABRALIN nasce dentro desse contexto e com esse desígnio maior.

A excelência do trabalho da Editora e das obras por ela publicadas será garantida – disso temos certeza – pela esperada contribuição dos associados da ABRALIN. Tal contribuição constantemente

vem em atendimento aos editais e aos critérios tornados públicos periodicamente, na forma de propostas de publicação, na colaboração junto ao Conselho Editorial e com as demais atividades envolvidas no funcionamento da Editora.

Nossa expectativa é que a Editora da ABRALIN possa fornecer obras de qualidade, acessíveis gratuitamente ao público-leitor interessado, fomentando, assim, a pesquisa em Linguística, contribuindo com o diálogo constante entre pesquisadores e sociedade.

Valdir do Nascimento Flores  
Gabriel de Ávila Othero

**EDITORES**

Prefácio

# O fomento do pensamento crítico para a formação de cidadãos responsáveis: um desafio e tanto

KANAVILLIL RAJAGOPALAN  
UNICAMP, UESB, UFT E CNPQ

Cidadão responsável é cidadão consciente. Consciente de seu lugar na sociedade. Consciente dos seus direitos como também das suas obrigações. Consciente, ademais, do seu dever e obrigação de estar sempre vigilante em relação às forças ocultas, que frequentemente se escondem nos porões do poder, e que têm como objetivo roubar sua liberdade, seu modo livre de pensar e agir. Para os governantes autoritários, que só se servem da sociedade ao invés de servir a ela, quanto mais dócil, apático e alienado for o cidadão, melhor! Para esses governantes, interessa mais controlar a mente do aluno desde sua infância, domar sua forma de pensar, estabelencendo balizas que cerceiam o livre pensar, e dessa forma, robotizando os alunos e controlando-os por controle remoto. Pouco lhes importa se, em consequência de suas intervenções sucessivas, a educação das crianças se tranforma em um plano maquiavélico de adestramento, digno do mundo distópico do tipo Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley.

Tudo isso é óbvio ululante! Mesmo assim, não custa reiterá-lo de vez em quando. No mínimo, o lembrete diário serve de antídoto ao perigo de ele se transformar em platitude e de ser tomado como garantido. A nação, como sabiamente disse o historiador francês Ernest Renan, há mais de um século, é “um plebiscito diário”. Plebiscitos e referendos têm pleno êxito na medida em que quem exerce seu direito de opinar sobre o tema o faz com clara consciência do que está em pauta e o faz sem a interferência alheia. É preciso resistir a qualquer tentativa, por parte de agentes mal-intencionados, de nos enganar e surrupiar a nossa capacidade de bom senso e discernimento—afinal de contas, a coisa mais preciosa que temos para nos defender dos esquemas ainda mais macabros!

Em nossos tempos, marcados pela confecção e propagação desenfreadas de *fake news*, criminosamente conduzidas em escala exponencial com intenção explícita de desviar atenção do público incauto e incapacitá-lo para enxergar a verdade das coisas, incumbe ao cidadão bem-intencionado recorrer a uma consciência crítica do que está acontecendo ao seu redor. A consciência crítica à qual estamos nos referindo não é algo que precisa ser inventado. Nem se trata de algo da qual sempre estivemos totalmente ignorantes.

Por incrível que pareça, a consciência crítica é algo que se destaca em qualquer criança. A criança inocente e desobrigada pelas etiquetas e por outros entraves de comportamento que inibem os adultos de pensar no óbvio é um excelente exemplo do que estamos falando. Só uma criança, com a qualidade que acabamos de descrever, pode exclamar em voz alta “O Rei está nu”, enquanto que todos os adultos da comitiva ou não enxergaram a nudeza real ou se convenceram de que a impressão que tiveram não passava de ilusão ótica.

O que se pode depreender do conto de fadas chamado *A roupa nova do Rei* de Hans Christian Andersen? Qual é a lição que ele deixa para nós adultos? São várias as lições e seus desdobramentos. Em

primeiro lugar, para se chegar a uma leitura mais proveitosa daquilo que se apresenta diante de nossos olhos é preciso pensar fora da caixa, para utilizar uma expressão em voga. Isso implica desafiar e recusar os padrões de enxergar as coisas que nos oprimem, abafam a criatividade e canalizam o nosso pensamento numa determinada direção, impedindo-nos de experimentar caminhos alternativos e inovadores. A criança — protagonista do nosso conto — acertou em sua descrição do que viu, porque desconhecia as normas ou, talvez, mesmo que as conhecesse, pouco se importava com as mesmas.

Há também outra lição importante que o conto de Andersen nos ensina. E ela diz respeito à própria atividade de ensino! Afinal, as normas das quais estamos falando aqui foram quase todas elas ‘impostas’ sobre as crianças, ou pelos pais como parte da educação informal em casa ou como parte da instrução formal na escola (lembrem-se, “aparelhos ideológicos” na visão de Althusser!). Aqui, talvez haja uma importante luz de alerta para todos nós envolvidos, de uma forma ou de outra, no empreendimento de ensino. Sem que saibamos ou estarmos conscientes disso, incorremos em uma atividade nefasta de doutrinar os nossos alunos ao invés de ensiná-los numa acepção mais nobre dessa palavra. Isso ocorre, sobretudo quando, em nosso afã de repassar-lhes a arte de raciocinar e formar opiniões próprias, apresentando as diversas formas de abordar um assunto, arregimentando argumentos a favor e contra cada uma delas, acabamos por brindar-lhes uma única visão sobre o tema em discussão. Devemos, contudo, ter bastante cuidado para prestar atenção para a linha divisória bastante tênue que separa, por um lado, a atitude, sem sombra de dúvida saudável e recomendável enquanto estratégia de ensino, de defender as nossas convicções com unhas e dentes (é claro sem partir para taques às opiniões contrárias às nossas) e, por outro lado, a postura nada sensata e condizente com a isenção e bom senso que se espera de um do-

cente comprometido com sua missão de impor as nossas opiniões e crenças sobre os nossos alunos, ignorando as legítimas opiniões em contrário e atropelando-as sem cerimônia.

Voltando à criança que denunciou a nudez do Rei, ela só conseguiu alcançar tal proeza graças ao fato de não ter sofrido a doutrinação disfarçada como educação (vale repetir, transformando-a, no caso, numa farsa total!). O conceito de ‘pensamento lateral’ (*lateral thinking*), tal qual foi desenvolvido nos anos de 1960 em diante por Edward de Bueno, pode abrir um caminho para explicar o que de fato acontece em casos como esse. Para começar, o pensamento lateral se distingue do pensamento ‘vertical’— termo este que se usa para descrever o procedimento rigoroso, ‘lógico’, que a tradição nos recomenda. Em contraste, o pensamento lateral começa desafiando o procedimento já consagrado e opta por contemplar o problema a ser desvendado sob holofotes diferentes.

Enquanto a grande maioria das pessoas, fieis ao ensinamento a que foram submetidas, analisam a questão dentro do quadro em que ela foi apresentada, quem segue o caminho de pensamento lateral parte, antes de qualquer outra coisa, para enquadrá-la dentro de novos moldes. E, ao fazer isso, descobre novas formas de solucionar o problema, muitas vezes de uma forma admiravelmente singela. Diga-se de passagem, que o conceito de pensamento lateral tem sido objeto de duras críticas por estar em dissonância com o pensamento tradicionalmente prestigiado e taxado de ‘pseudociência’, mas isso por si só não basta para ofuscar seus méritos. Imagine, por exemplo, se Einstein, num *Gedankenexperiment*, pudesse passar um tempo como uma criança aprendiz na Inglaterra na época em que Issac Newton elaborava suas teorias sobre o universo e as leis da gravidade etc. Ele, o pai da teoria da relatividade, talvez fosse reprovado como aluno ou, quem sabe, fortemente recomendado para passar por um teste psicológico por ‘distúrbios mentais’!

Brincadeira a parte, os avanços no campo de conhecimento sempre se dão quando as questões forem abordadas com uma pitada de ceticismo, quando elas forem abordadas de forma inédita, de ângulos por onde ninguém antes teve a ousadia de olhar. O pensamento crítico tem um pouco de tudo isso. Ele parte, não de convicções já formadas e, menos ainda, ideologias já assumidas e abraçadas, mas de uma posição de que as coisas sempre merecem ser revisitadas com novos olhares. Os fenômenos, há muito tempo identificados e rotulados, podem e merecem ser enquadrados de novas maneiras, trazendo novas perspectivas que isso inevitavelmente exige de nós.

O pensamento contido no parágrafo acima pode ser considerado um pequeno resumo do que trata o 'letramento de resistência', termo que figura com destaque no título desta coletânea de textos que fazem parte dos resultados das pesquisas sendo conduzidas pelos colegas no Brasil. Pela 'resistência' se entende a recusa de aceitar passivamente a leitura dominante ofertada por quem quer que esteja no mando que não só disponibiliza os textos para serem consumidos, mas também a leitura, a interpretação, dos mesmos — como se fossem as únicas possíveis e autorizadas. O letramento de resistência promove e encoraja a detecção de fendas e fissuras nas leituras que são impostas sobre nós como as únicas legítimas, fendas e fissuras essas que, quando devidamente exploradas, revelam planos secretos engenhosamente elaborados que apenas servem interesses inconfessáveis de determinados grupos em detrimento dos interesses da grande maioria. Não é de estranhar que falar em 'letramento de resistência' provoca desconfiância e, com frequência, até arrepio no meio daqueles que se encontram com a faca e o queijo na mão dentro da ordem social!

Pensamento crítico é algo absolutamente vital para a formação de um cidadão na plenitude de suas potencialidades. A escola tem um papel fundamental nessa tarefa. Pois, é na escola que a

criança pode ser encorajada para pensar livremente, para aprender a voar com asas próprias. Porém, a escola também pode vir a ser o lugar onde mais se abafa a curiosidade natural da criança, amordaçando-a e esmagando qualquer esperança de que ela se transforme um dia numa cidadã que pensa e que é capaz de participar efetivamente na formulação de políticas de governança, de vigiar, monitorar e avaliar decisões tomadas em nome dela por aqueles que se encontram encarregados de fazê-lo. Ou seja, a esperança mora lado a lado com o perigo de descuido e suas consequências.

Daí a necessidade premente de trazer essas questões à tona e abri-las para ampla discussão, como fazem os autores dos 13 capítulos que compõem o conteúdo desta coletânea tão oportuna e valiosa.



# Sumário

## **19 APRESENTAÇÃO**

Rodriana Dias Coelho Costa  
Edinei Carvalho dos Santos  
Kleber Aparecido da Silva

## **27 CAPÍTULO 1**

O CURRÍCULO ENQUANTO ESPAÇO DE  
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DIÁLOGO  
DE SABERES INDÍGENAS

Rosilene Cruz de Araujo

## **51 CAPÍTULO 2**

CORRIDA DE TORAS: JOGO DIDÁTICO PARA  
UM ENSINO INTERCULTURAL

Elisa Augusta Lopes Costa

## **81 CAPÍTULO 3**

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E CURRÍCULO:  
NO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO, O  
REENCONTRO COM A ANCESTRALIDADE, A  
IDENTIDADE E O “SER INDÍGENA”

Ema Marta Dunck Cintra

- 105** **CAPÍTULO 4**  
INTERCULTURALIDADE E EDUCAÇÃO  
ESCOLAR INDÍGENA EM NÍVEL SUPERIOR  
Maria Gorete Neto
- 129** **CAPÍTULO 5**  
O LUGAR DE PERTENCIMENTO ÉTNICO NA  
UNB: UM OLHAR DISCURSIVO CRÍTICO DA  
DIVERSIDADE  
Núbia Batista da Silva- Nubiã Tupinambá
- 155** **CAPÍTULO 6**  
INTERCULTURALIDADE E EDUCAÇÃO  
INDÍGENA NO CONTEXTO BRASILEIRO:  
ALGUMAS REFLEXÕES  
Rodriana Dias Coelho Costa  
Kleber Aparecido da Silva
- 191** **CAPÍTULO 7**  
“TEM MOMENTOS QUE A GENTE TEM QUE  
SE COMPORTAR COMO TAL”: PRÁTICAS  
DE LETRAMENTOS COM UMA ACADÊMICA  
INDÍGENA AKWĒ XERENTE  
Suety Líbia Alves Borges
- 221** **CAPÍTULO 8**  
EDUCAÇÃO INDÍGENA E OS DESAFIOS NA  
FORMAÇÃO LINGUÍSTICA DOS PROFESSORES  
– RELATO DE EXPERIÊNCIAS  
Áurea Cavalcante Santana

- 237 CAPÍTULO 9**  
LETRAMENTOS: A ESCRITA NO CÁRCERE  
Maria Aparecida de Sousa
- 265 CAPÍTULO 10**  
A ESCRITA DE PESSOAS PRIVADAS DE  
LIBERDADE: O LETRAMENTO COMO  
REEXISTÊNCIA  
Amanda Moreira Tavares  
Tânia Ferreira Rezende
- 301 CAPÍTULO 11**  
LETRAMENTOS DE RESISTÊNCIA EM  
CONTEXTO DE LUTA POR TERRA E  
TERRITÓRIO NA CHAPADA DO APODI  
NORTE-RIO-GRANDENSE  
Glícia Azevedo Tinoco  
Adriana Vieira das Graças
- 337 CAPÍTULO 12**  
LETRAMENTOS E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA  
EM CONTEXTO CIGANO  
Maria Marlene Rodrigues da Silva  
Rosineide Magalhães de Sousa
- 367 CAPÍTULO 13**  
PRÁTICAS E EVENTOS DE LETRAMENTOS  
EM CONTEXTOS DE LUTA E RESISTÊNCIA:  
UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA NO  
QUILOMBOMESQUITA-GOIÁS (GO)  
Edinei Carvalho dos Santos  
Kleber Aparecido da Silva

**411 POSFÁCIO**  
LENDO CRÍTICOS, CRITICAMENTE

Wilmar da Rocha D'Angelis

**417 SOBRE OS/AS ORGANIZADORES/AS**

**419 SOBRE OS PROFESSORES COLABORADORES**



## **ORGANIZAÇÃO**

Rodriana Dias Coelho Costa

Edinei Carvalho dos Santos

Kleber Aparecido da Silva

## **REVISÃO**

Oseas Bezerra Viana Júnior

Kleber Aparecido da Silva

## **CAPA E PROJETO GRÁFICO**

Estúdio Guayabo

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Educação intercultural, letramentos de resistência e formação docente [livro eletrônico] / Rodriana Dias Coelho Costa, Edinei Carvalho dos Santos, Kleber Aparecido da Silva (orgs.). -- Campinas, SP : Editora da Abralin, 2021. -- (Altos estudos em linguística)  
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-68990-10-0

1. Educação 2. Educação intercultural 3. Letramento 4. Letramento - Estudo e ensino 5. Práticas educacionais 6. Professores - Formação I. Costa, Rodriana Dias Coelho. II. Santos, Edinei Carvalho dos. III. Silva, Kleber Aparecido da. IV. Série.

21-81233

CDD-370.733

---

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Professores : Práticas docentes : Educação 370.733

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

DOI 10.25189/ 9788568990100